

ANAIS

III FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE

Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba, 2005

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO MUSICAL ATRAVÉS DE JOGOS E BRINCADEIRAS

*Marta Deckert**

RESUMO: Como o homem constrói o conhecimento é uma questão abordada por diferentes áreas do conhecimento humano, assim como em diferentes épocas e contextos históricos e sociais. A educação, que trata diretamente dessa questão, apropriou-se de muitos desses pensamentos e pesquisas, reelaborando-os dentro do seu contexto e desenvolvendo-os nas mais diferentes áreas, dentre elas a educação musical. A presente pesquisa, instigada pela questão de como se dá o desenvolvimento cognitivo musical em crianças de 7 e 8 anos de idade, em escola regular, utilizando como encaminhamento metodológico jogos e brincadeiras musicais, foi buscar em Piaget e Vygotsky, pesquisadores do desenvolvimento humano, referenciais com relação ao papel dos jogos e brincadeiras na construção do conhecimento musical. A partir daí, ocorreu uma pesquisa-ação junto a um grupo de crianças em uma unidade escolar da rede municipal de ensino da cidade de Curitiba, localizada no bairro Campo de Santana, com o objetivo de verificar como se dá o desenvolvimento cognitivo musical rítmico através de jogos e brincadeiras musicais.

A música é uma das mais importantes formas de expressão humana, de discurso, de comunicação, justificando assim a sua inclusão no contexto educacional, em especial nas séries iniciais do ensino fundamental. Muito das práticas pedagógicas musicais que se observa, parte do princípio de que a cultura e a música do professor, dicotomizada da prática musical de seus alunos, é algo superior à realidade dos mesmos. Assim, tanto o processo de ensino quanto o de aprendizagem não ocorrem de maneira significativa e eficaz.

* Bacharel em Instrumento: Órgão e Especialista em Educação Musical e Regência de Coro Infante-Juvenil pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná. É professora de Educação Musical e Regente do Coro Infantil do Colégio Martinus – Portão, desde 1999. Na Rede Municipal de Educação de Curitiba é professora do Ensino da Arte – Música.

Partindo dessa realidade e tendo como hipótese de que a educação musical mediante jogos e brincadeiras proporciona, de maneira prazerosa, desenvolvimento cognitivo significativo ao sujeito que interage com esse processo, por meio do lúdico e do envolvimento com a expressão corporal, com os sentimentos, com a afetividade e com a sociabilidade, desenvolveu-se a presente pesquisa.¹

O objetivo foi investigar a utilização de jogos e brincadeiras musicais como encaminhamento metodológico, verificando o desenvolvimento cognitivo musical em crianças com idade de 7 e 8 anos, em escola regular. Nessa pesquisa-ação, a análise do desenvolvimento musical dos sujeitos foi realizada mediante avaliação contínua e formativa, sendo que, posteriormente, houve a análise e a interpretação comparativa dos dados obtidos. O desenvolvimento das aulas aconteceu dentro do Projeto “Oficinas Pedagógicas”, na “Oficina de Educação Musical”, em uma unidade escolar da rede municipal de Educação da cidade de Curitiba, PR. Participaram dezenove alunos, dentre esses, apenas nove foram observados, por serem alunos da 1ª e da 2ª fases do ciclo I (7 e 8 anos). Tiveram encontros semanais com duração de duas aulas semanais de cinquenta e cinco minutos cada uma, perfazendo um total de vinte horas/aula.

O tema “Jogos e Brincadeiras” possibilita uma abordagem sob diversas perspectivas, mas queremos discuti-lo como encaminhamento metodológico para a construção do conhecimento musical, buscando na psicologia do desenvolvimento humano, sob a ótica construtivista de Jean Piaget e Lev Vygotsky, o referencial teórico que embasou todo o processo de investigação.

Na perspectiva construtivista de educação, a aprendizagem ocorre como um processo de construção, pela interação constante que o *sujeito* estabelece com o *objeto* (realidade) e com o contexto sócio-cultural no qual está inserido. A aprendizagem se dá por meio de ações que a criança exerce sobre os objetos, levando à construção de esquemas e de conceitos.²

Em seus estudos, Piaget observou que o conhecimento se dá quando acontece um desequilíbrio quanto à conceituação de algo já conhecido. Ocorre então o processo de *assimilação*, quando a pessoa classifica ou integra um novo dado às suas estruturas cognitivas; depois, a *acomodação*, que é a adaptação ou readaptação do conhecimento adquirido em uma nova estrutura. A *adaptação*, então, é o movimento contínuo entre a assimilação e a acomodação, o que possibilita o indivíduo responder aos desafios do ambiente físico e social.

¹ DECKERT, Marta. Curitiba, 2003. Monografia (Especialização em Educação Musical e Regência de Coro Infanto-Juvenil). Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Orientador: Prof. Dr. José Nunes Fernandes (UNIRIO, Rio de Janeiro).

² BEYER, Esther. Tendências Curriculares e a construção do conhecimento musical na primeira infância. In: IX ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 9., 2000, Belém. *Anais...* Belém: ABEM, 2000. p. 43-51.

Podemos, então, dizer que o processo de conhecimento, segundo a concepção piagetiana, é fundamentado em um processo de equilibrações sucessivas que conduzem a maneiras de agir e de pensar cada vez mais complexas. É um restabelecimento do equilíbrio não como o anterior, mas como um novo equilíbrio num nível superior, funcionando como ponto de partida para um novo desequilíbrio.

Esse processo acontece numa ordem fixa, caracterizada pelos estágios de desenvolvimento. Cada estágio se caracteriza por uma maneira típica de pensar, constituindo uma forma particular de equilíbrio em relação ao meio.³

Para Vygotsky, o desenvolvimento não pode ser entendido sem referência ao contexto social e cultural no qual ele ocorre. Ou seja, o desenvolvimento cognitivo não ocorre independente do contexto social, histórico e cultural.⁴ A construção do conhecimento é um processo de internalização de estruturas culturais de modos de pensar e agir, iniciada nas relações sociais, em que os adultos e as crianças mais velhas, por meio da linguagem, do jogo, do “fazer junto”, compartilham com a criança em estágio de desenvolvimento anterior ao daqueles, seus sistemas de pensamento e ação. Portanto, ao internalizar instruções, as crianças acabam por modificar suas funções psicológicas, tais como a percepção, a atenção, a memória e a capacidade de solucionar problemas.⁵

O aprendizado e o desenvolvimento, segundo Vygotsky, caminham juntos, quer dizer, tudo que a criança aprende com o adulto ou com outras crianças vai se incorporando e transformando seu modo de agir e pensar.⁶ Assim, o autor formulou um conceito próprio dentro de sua teoria, essencial para a compreensão de suas idéias sobre a relação de desenvolvimento e aprendizagem, que é o da *zona de desenvolvimento proximal*.⁷

A zona de desenvolvimento proximal abrange os conceitos de zona de desenvolvimento real e zona de desenvolvimento potencial. *Zona de desenvolvimento real* é a capacidade da criança de realizar tarefas de maneira independente, sem ajuda de outras pessoas, de acordo com a sua maturidade. *Zona de desenvolvimento potencial* é a capacidade de desenvolver tarefas com a ajuda de outras crianças ou adultos.

Sendo assim, Vygotsky define a zona de desenvolvimento proximal como “a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através de soluções independentes de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes”.⁸

³ FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazaré. *Psicologia e trabalho pedagógico*. São Paulo: Atual, 1997.

⁴ MOREIRA, Marco Antonio. *Teorias da aprendizagem*. São Paulo: EPU, 1999.

⁵ DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de. *Psicologia na Educação*. São Paulo: Cortez, 1994.

⁶ FONTANA; CRUZ. Op. cit.

⁷ OLIVEIRA, Martha Kohl de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1998.

⁸ OLIVEIRA. Op. cit., p. 97.

Para Vygostky, é na zona de desenvolvimento proximal que a interferência de outros indivíduos é mais transformadora. Nesse processo, é importante a ação dos colegas da turma e dos professores. O objetivo dessa intervenção de outros é “trabalhar com a importância do meio cultural e das relações entre os indivíduos na definição de um percurso de desenvolvimento da pessoa humana”,⁹ não devendo ser encarada como uma “educação tradicional”.

Para Piaget e Vygotsky, os jogos são atividades lúdicas que a criança desenvolve, sendo que, em cada fase do amadurecimento da criança, o jogo tem suas características próprias e sua importância.

De acordo com os estudos de Piaget, em especial sobre a gênese do conhecimento, o jogo é tido como um processo de assimilação: “se o ato de inteligência culmina num equilíbrio entre a assimilação e a acomodação [...] pode-se dizer que o jogo é essencialmente assimilação, ou assimilação predominando sobre a acomodação”.¹⁰

Ao analisar o desenvolvimento do raciocínio, Piaget destaca a importância da vida social para a conquista da coerência interna e da objetividade, pois, por intermédio dos jogos e das brincadeiras, a criança tem a oportunidade de tomar consciência de si mesma e é aí que as trocas sociais acontecem, principalmente mediante a narração e a discussão, expressando-se, sobretudo com relação aos pensamentos dos outros.¹¹

Para Vygotsky, os jogos e as brincadeiras são de extrema importância, pois “o objeto que [a criança] usa nas suas brincadeiras serve como uma representação da realidade ausente e ajuda a criança a separar objeto e significado. Constitui um passo importante no percurso que a levará a ser capaz de, como no pensamento adulto, desvincular-se totalmente das situações concretas”.¹²

Sob o ponto de vista do desenvolvimento da criança, a brincadeira traz vantagens sociais, cognitivas e afetivas. Sob o ponto de vista psicológico, a brincadeira e o jogo preenchem uma atividade básica da criança, ou seja, são o motivo para a ação.

Os jogos e as brincadeiras, na concepção de Vygotsky, têm um importante papel, criando uma zona de desenvolvimento proximal na criança e proporcionando influência no seu desenvolvimento. A criança usa objetos concretos atribuindo-lhe outro papel. A situação é, então, definida pelo significado da brincadeira e não pelos elementos reais que aparecem. A criança se relaciona com o significado em questão e não com os objetos concretos que tem nas mãos.¹³ Assim, “no brinquedo, a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real e também aprende a separar objeto de significado”.¹⁴

⁹ OLIVEIRA. Op. cit., p. 63.

¹⁰ PIAGET, Jean. *A construção do real na criança*. Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. p. 115.

¹¹ SILVA, Djalma Oliveira; LAUTERT, Elin Maria Lanus. Sociointeracionismo – Teorias que embasam o comportamento lúdico da criança. *Revista do Professor*, Porto Alegre, n. 66, p. 7-12, abr.-jun. 2001.

¹² OLIVEIRA. Op. cit., p. 66.

¹³ OLIVEIRA. Op. cit.

¹⁴ OLIVEIRA. Op. cit., p. 67.

Portanto, no brincar e no jogar, quanto mais papéis a criança representar, mais ampliará a sua expressividade, entendida como uma totalidade. Ela também constrói os conhecimentos mediante os papéis que representa, desenvolvendo-se nos aspectos lingüístico e psicomotor, além do ajustamento afetivo emocional que atinge na representação desses papéis.

No contexto da educação musical, a criança participa ativamente da construção do conhecimento através da ludicidade, do entendimento da linguagem musical e do discurso que a música como atividade expressiva humana tem.

O tópico musical abordado na pesquisa realizada foi o ritmo: pulso, andamento, métrica e algumas células rítmicas, pois “o ritmo é considerado, pela maioria dos pedagogos, como o ponto de partida para a educação musical”,¹⁵ visto que os sujeitos da pesquisa nunca haviam tomado contato com a educação musical de maneira formal.

Após o levantamento e a análise dos dados, pôde-se verificar que utilizar os jogos e as brincadeiras como encaminhamento metodológico para musicalizar crianças comprovou ser um meio muito eficaz pelo envolvimento, prazer e afetividade que permearam todo o processo. Tornaram-se prazerosos por tratar-se de uma linguagem que a criança conhece e que faz parte do seu dia-a-dia, a ludicidade: imaginação, fantasia, os jogos e as brincadeiras.

Assim, a hipótese levantada no início da pesquisa, de que os jogos e brincadeiras proporcionam de maneira prazerosa, através do lúdico, o envolvimento com a expressão corporal, com os sentimentos, com a afetividade e com a sociabilidade, proporcionando, assim, um desenvolvimento cognitivo significativo aos educandos que participam desse processo, tornando uma proposta metodológica significativa para ser utilizada em educação musical, foi comprovada, servindo como incentivo para que nós, educadores musicais, procuremos no decorrer da nossa ação, utilizar encaminhamentos metodológicos que tenham a ver com a criança, enfim, que sejam a sua linguagem.

Referências

- BEYER, Esther. Tendências curriculares e a construção do conhecimento musical na primeira infância. In: IX ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 9., 2000, Belém. *Anais...* Belém: ABEM, 2000. p. 43-51.
- DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de. *Psicologia na Educação*. São Paulo: Cortez, 1994.
- DECKERT, Marta. Curitiba, 2003. Monografia (Especialização em Educação Musical e Regência de Coro Infante-Juvenil). Escola de Música e Belas Artes do Paraná.
- FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazaré. *Psicologia e trabalho pedagógico*. São Paulo: Atual, 1997.
- MOREIRA, Marco Antonio. *Teorias da aprendizagem*. São Paulo: EPU, 1999.
- OLIVEIRA, Martha Kohl de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1998.
- PIAGET, Jean. *A construção do real na criança*. Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

¹⁵ SECRETARIA MUNICIPAL EDUCAÇÃO/CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA. *Música na escola: jogos e brincadeiras musicais*. Rio de Janeiro, 2002. p. 7.

SECRETARIA MUNICIPAL EDUCAÇÃO/CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA. *Música na escola: jogos e brincadeiras musicais*. Rio de Janeiro, 2002.

SILVA, Djalma Oliveira; LAUTERT, Elin Lanius. Sociointeracionismo – Teorias que embasam o comportamento lúdico da criança. *Revista do Professor*, Porto Alegre, n. 66, p. 7-12, abr.-jun. 2001.